

INSTITUTO MISSÕES CONSOLATA

BIÊNIO SOBRE A PESSOA

29 de janeiro de 2021 - 29 de janeiro de 2023

Ficha 11 – Novembro de 2021

Dimensão Espiritual

SANTIDADE E MISSÃO AD GENTES

De tudo sou capaz Naquele que me dá força !
(FIL. 4,13)



**Biênio
sobre a pessoa**

“A missão exige grande santidade” (José Allamano)

“Como missionários, não deveis ser apenas santos, mas santos em grau superlativo” (VE 103).

“Sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai do Céu”. (Mt 5:48)

“Como filhos obedientes, não vos conformeis com as paixões do passado, quando estáveis na ignorância; mas como o Deus que vos chamou é santo, vós também sede santos em toda a vossa conduta, pois está escrito: «Sede santos, porque Eu sou santo»”. (1 Pd 1:14-16).

“Para um cristão não é possível pensar na sua missão na terra, sem a conceber como um caminho para a santidade, pois «esta é de facto a vontade de Deus, a vossa santificação» (1 Ts 4,3). *Cada santo é uma missão; é um projeto do Pai para refletir e encarnar, num momento particular da história, um aspeto do Evangelho*”. (Papa Francisco, *Gaudete et Exsultate*, 19)

STATUS QUAESTIONIS

Individualismo

Hoje vemos uma acentuação do **individualismo** e um **declínio do fervor missionário que praticamente se traduz em agir como se Deus não existisse, decidir como se os pobres não existissem, planear como se os outros não existissem, e trabalhar como se tudo dependesse de nós.**

A mesma tendência manifesta-se numa preocupação exagerada com espaços pessoais de autonomia e descontração, o que leva a **viver o serviço da Missão como uma “tarefa por algum tempo”, um mero apêndice da vida**, como se ele não fizesse parte da própria identidade.

Ao mesmo tempo, as celebrações, a Palavra de Deus, a liturgia das horas, tornam-se marginais, relegando assim a **vida espiritual** a alguns momentos religiosos que oferecem um certo alívio, mas não alimentam o encontro com os outros, o compromisso no mundo, a paixão pela evangelização.

Ativismo

O nosso tempo é caracterizado por mudanças epocais que trazem consigo novos desafios à missão evangelizadora da Igreja, tais como um certo tipo de ativismo missionário, caracterizado por uma tendência compulsiva para a ação.

O problema **nem sempre é o excesso de atividade em si mesma**, mas sobretudo as atividades mal vividas, sem motivação adequada, sem uma espiritualidade que permeia a ação e a torna desejável. A ansiedade de **alcançar resultados imediatos** significa que os missionários não vão tolerar facilmente o encontro com alguma contradição, um aparente fracasso, uma crítica, uma cruz.

Mediocridade espiritual

Aquilo que o Apocalipse chama ‘estar morno’, nas palavras de Cristo à igreja de Laodiceia (Ap 3,14ss), é **o oposto exato de santidade**. Também pode ser acompanhado por intensa atividade, grandes obras, iniciativas brilhantes e talvez muitas palavras... que tendem a esconder o vazio interior. É uma tristeza, um zelo sem alma e sem alegria.

A mediocridade espiritual é verdadeiramente a anti missão, porque não tem qualquer ligação com a “fonte” ... não sacia a sede de ninguém. **A santidade é marcada pela alegria e pelo entusiasmo** (cf. *Redemptoris Missio*, 91), não como uma emoção psicológica, mas como fruto de uma plenitude da vida pela qual somos habitados. **A santidade é contagiosa, irradia**, porque remete continuamente para a fonte e torna-se uma urgência missionária nas palavras de Pedro e João quando dizem: “Se é justo aos olhos de Deus obedecer-vos e não a Ele, julgai por vós mesmos: nós não podemos ficar calados sobre aquilo que vimos e ouvimos” (Atos 4, 19-20).

Afastar-se do centro

Depois há o risco de se distrair do centro, uma forma de santidade de “fachada” que é particularmente insidiosa e não fácil de detetar, porque se insinua mesmo na vida do missionário que leva muito a sério a sua vida espiritual e a sua vocação à santidade. **Podemos expressá-lo nas palavras de Jesus ressuscitado à igreja de Éfeso:** “És constante e suportaste muito por amor do meu Nome sem desanimares. Mas há uma coisa que te reprovo: abandonaste o teu primeiro amor. Arrepende-te” (Ap 2,3ss).

É o risco de servir “a missão”, ou seja, a causa do Reino com grande generosidade e dedicação, mas tomando-a por garantida e **deixando que a relação pessoal com Jesus se deteriore**. A primazia já não pertence à pessoa de Cristo, ao seu amor, mas ao serviço a Ele. É evidente que os dois aspetos são inseparáveis, mas a distinção é fundamental, porque **só o amor de Cristo pode encher a minha vida**, fazendo de mim uma testemunha do seu amor. O serviço, na medida em que não brota de uma comunhão de fé e amor com Cristo, perde o sabor do evangelho.

ILUMINAÇÃO

O Missionário da Consolata Santo

Repropomos alguns parágrafos da introdução à carta “O Missionário da Consolata santo” escrita por ocasião do biénio sobre santidade em 2008. São palavras muito significativas e dignas de uma profunda reflexão para serem atualizadas.

“Traçar o perfil do Missionário da Consolata santa significa apresentar os princípios espirituais, características, atitudes, sentimentos e atividades inerentes à sua identidade, vocação e serviço.

Identidade e santidade, ser e dever ser, devem ser sempre lidas em unidade. Não é exatamente correto fazer derivar a santidade, dever ser, da identidade. A santidade realiza-se, de facto, quando o missionário vive a sua identidade. Quando se é um verdadeiro

missionário da Consolata, é-se santo. Por outras palavras, a santidade é alcançada vivendo bem a identidade.

Não parece difícil identificar as áreas fundamentais para traçar a nossa identidade.

Antes de mais, a nossa vida deve ser relida em Jesus Cristo e no seu Evangelho. A sua vida, a sua palavra e as suas ações, o seu mistério pascal, tornam-se para nós inquestionáveis e inalienáveis paradigmas para traçar a nossa identidade. Por graça o encontramos, aceitamos o seu chamamento, tornamo-nos seus discípulos, consagrados no Espírito Santo para anunciar o Evangelho às nações, determinados a viver o seu mesmo modo de vida e tendo os mesmos sentimentos que Ele. A nossa relação com Ele cresce, tanto através da nossa oração diária como através do serviço que desejamos prestar-Lhe, proclamando-O aos nossos irmãos e irmãs.

A segunda área que delinea a nossa identidade são as Constituições, uma regra preciosa, para termos constantemente nas nossas mãos. Elas especificam para nós, na nossa vida diária, como é que um discípulo de Jesus, um missionário do Evangelho, vive e se qualifica. Propondo-nos características e atitudes típicas, desejadas pelo Espírito através da mediação do Fundador, são elas que dão ao discípulo o nome de Missionário da Consolata. Ser consagrado em pobreza, castidade e obediência; viver em comunidades internacionais que tornam visível a universalidade da salvação e a realidade do paraíso; a evangelização feita com um estilo metodológico que se inspira em Maria Consolata e faz dela uma mãe autêntica e uma companheira segura na viagem, todos estes se tornam para nós elementos inalienáveis que nos qualificam na Igreja.

A terceira referência é o Fundador. A sua paternidade expressa em palavras e escritos, em conselhos, em propostas de meios concretos para viver a nossa vocação, em atitudes e características a adotar na nossa vida quotidiana, é recebida como uma herança preciosa por nós, filhos afetuosos e obedientes. Com efeito, nele reconhecemos a sabedoria que vem do Espírito e a sapiência de um Pai, que deseja o bem dos seus filhos”.

“Primeiro santos e depois missionários”

São muitas as declarações de Allamano que revelam a sua firme convicção de que apenas aqueles que são santos podem ser verdadeiros missionários. Esta convicção faz parte da sua identidade como Fundador, e portanto, também do carisma dos missionários da Consolata. “Este é o principal objetivo do nosso Instituto – dizia ele aos seus missionários – Não viestes aqui para ... mas para vos tornardes santos; então e só então cumprireis bem o segundo objetivo...”. (Conf. IMC. III, 258).

Para Allamano há uma graduação explícita entre um “antes” e um “depois” lógicos: primeiro santos, depois missionários. Primeiro deve ser salientado o ser da pessoa, depois o seu trabalho, primeiro é uma questão de cuidar do nosso ser, da nossa relação com Deus que nos chama a ser santos, depois devemos transmitir esta relação aos outros. Aos estudantes, de facto, ele costumava dizer: “Acima de tudo, devemos tornar-nos santos nesta Casa: não estamos aqui para nos tornarmos missionários, mas para nos tornarmos santos, e só depois para sermos missionários”. “Em primeiro lugar a nossa santificação, depois a conversão dos não-cristãos; primeiro nós e depois os outros. (...) Antes de tudo vieste para te santificar; não invertamos os termos” (VE 103-104).

Devemos procurar a santidade antes de mais nada, porque a santidade é um pré-requisito fundamental para a missão. A atividade apostólica e missionária, de acordo com Allamano, exige santidade de vida. O ser é o pressuposto do operar. “[...] antes de mais temos de nos santificar... e tendo-nos tornado santos num curto espaço de tempo seremos capazes de levar a cabo a nossa missão entre as nações e com abundantes frutos”. “Alguns pensam que ser missionário consiste inteiramente em pregar, correr, batizar, salvar almas: não, não! Não, não! Este é apenas o objetivo secundário: vamos santificar-nos primeiro a nós próprios e depois aos outros. Quanto mais alguém santo for, mais almas ele salvará”. Para Allamano “é inútil querer converter os outros, se nós próprios não somos santos” porque “se não se é santo...então...não se faz nada”. “Pretender tornar bons os outros sem sermos nós, é querer o impossível” (VE 105). “Primeiro devemos ser santos, depois missionários; do contrário, não seremos nem uma coisa nem outra” (VE 594).

“Santidade e revitalização”

Se a afirmação “primeiros santos e depois missionários” indica claramente que é a santidade que desempenha o papel fundamental na renovação da missão, mais do que os métodos e programas pastorais, é igualmente importante sublinhar como é a missão que contribui para a santidade do missionário: trata-se, isto é, de se tornar “**santos na missão ad gentes**”.

Portanto, a santidade do apóstolo constrói-se, **alimenta-se “fazendo missão”**, no dom constante de si, no amor e no serviço concreto aos irmãos aos quais se é enviado, em comunhão com o Senhor que caminha com ele, fala com ele, respira com ele, trabalha com ele. (cf. E.G. 266). Ir ter com os pobres é ir ter com o Senhor. Para ir ao Pai precisamos da humanidade de Cristo, por isso para ir a Cristo precisamos de passar pelo irmão com quem Cristo se identifica, como alguém que está necessitado, quer tem fome, sede ou é um estrangeiro, que está nu ou doente ou na prisão... (Mateus 25, 31-46) (F. Ciardi, *Criticism of some theologies of consecrated life, in Theology and Theologies of Consecrated Life, Roma 2016, p.187*).

Que **as bem-aventuranças** de Jesus no Evangelho (cf. Mt 5,3-11) nos guiem neste árduo, mas excitante caminho para a santidade: que nos levem a olhar sempre com amor para o próprio Jesus, que as encarnou na sua pessoa; que nos mostrem que “**a santidade não é apenas uma questão do espírito, mas também dos pés, para irmos até aos irmãos, e das mãos, para partilharmos com eles**”. Que nos ensinem a nós e ao nosso mundo a não desconfiar ou deixar à mercê das ondas aqueles que deixam a sua terra com fome de pão e de justiça; que nos levem a não viver do supérfluo, a gastarmo-nos para a promoção de todos, a curvarmo-nos com compaixão para os mais fracos”. (Papa Francisco, *aos participantes na Conferência Nacional da Federação dos Mestres do Trabalho Italianos, 15 de Junho de 2018*).

Santidade não é sinónimo de intimismo, “*não é saudável amar o silêncio e esquivar o encontro com o outro, desejar o repouso e rejeitar a atividade, buscar a oração e menosprezar o serviço. **Tudo pode ser recebido e integrado** como parte da própria vida neste mundo, **entrando a fazer parte do caminho de santificação. Somos***

chamados a viver a contemplação mesmo no meio da ação, e santificamo-nos no exercício responsável e generoso da nossa missão” (G et E 26).

Santidade ao nosso alcance (alla mano)

Muitas vezes somos tentados a pensar que a santidade é reservada a pessoas muito especiais, com dons excepcionais, fora do nosso alcance, aquelas que são capazes de manter-se à distância das ocupações comuns, de dedicar muito tempo à oração. Não é este o caso. Somos todos chamados a ser santos, vivendo com amor e oferecendo cada um de nós o nosso testemunho nas ocupações diárias, onde quer que estejamos, tentando ser “extraordinários no ordinário”, “fazendo o bem, mas sem barulho”.

A Missão mostrou-nos isto! Há muitos missionários, que tivemos a sorte de conhecer, que deram as suas vidas, sem clamor, com humildade, entusiasmo e dedicação, consumindo-se ao serviço dos pobres, visitando aldeias, administrando sacramentos, deixando no povo uma memória indelével de uma santidade que tudo abrange, que se tornou próxima, “ao alcance”, porque era **um reflexo da presença de Deus nas suas vidas.** (cf. GeE 7).

A vida como caminho de santidade

A santidade consiste em permitir que o Espírito ative em ti hoje aquela palavra e aquela mensagem de Jesus que Deus deseja transmitir ao mundo através da tua vida.

A santidade consiste, portanto, em viver em comunhão com Cristo os mistérios da sua vida. Portanto, a medida da santidade é dada pela estatura que Cristo alcança em nós, para que, pelo poder do Espírito Santo, nós modelemos toda a nossa vida na Sua (Fil.2,5). Assim, cada um de nós deve tornar-se uma mensagem que o Espírito tira das riquezas de Cristo e dá às pessoas.

De facto, “cada santo é uma missão; é um projeto do Pai que visa refletir e encarnar, num momento determinado da história, um aspeto do Evangelho” (GeE 19).

Todos nós precisamos de **conceber e viver a totalidade das nossas vidas como uma missão**, e transformá-la **num caminho de santidade**, porque “esta é a vontade de Deus, a vossa santificação” (1 Ts 4,3).

Mas tenhamos cuidado, porque uma missão vivida com ansiedade, orgulho, necessidade de aparecer e dominar, não será certamente santificadora. **O desafio constante para nós será viver a nossa missão de tal forma que os esforços e escolhas que fazemos tenham um significado evangélico e nos identifiquem cada vez mais com Jesus Cristo.**

Santidade na fraqueza

A maioria entre nós fica perturbada, mesmo perdida, quando em nós se manifestam, de uma forma mais ou menos brutal, as nossas fraquezas, que conhecemos bem, mas não sabemos como lidar com elas. Fica ferida inconscientemente a imagem ideal de nós próprios que carregamos sempre connosco. Pensamos espontaneamente que a santidade deve ser procurada na direção oposta à do pecado, e contamos com Deus para que o seu amor nos liberte da fraqueza e do mal e assim nos permita alcançar a santidade. Mas não é assim que Deus trabalha connosco: a santidade não se encontra no oposto, mas no próprio coração da tentação, não espera por nós para além da nossa fraqueza, mas dentro dela. Escapar à fraqueza seria escapar ao poder de Deus que só nela está em ação. Devemos, portanto, aprender a viver na nossa fraqueza, mas armados de uma fé profunda, aceitar que estamos expostos à nossa fraqueza e, ao mesmo tempo, abandonados à misericórdia de Deus. Só na nossa fraqueza somos vulneráveis ao amor de Deus e ao Seu poder. **A santidade manifesta-se como a capacidade de** habitar na tentação e na fraqueza, entrando em contacto com a graça e tornando-nos um milagre da misericórdia de Deus.

Foi isto que **aconteceu a Pedro**: ele tinha acabado de negar o seu Mestre pela terceira vez, quando “o Senhor voltando-se olhou para Pedro, e Pedro lembrou-se da palavra que o Senhor lhe tinha dito: «Antes que o galo cante, hoje negar-me-ás três vezes». E saindo chorou amargamente” (Lc 22,61-62). O que esse olhar significava para

Pedro, podemos só imaginá-lo. Não foi certamente uma condenação: “Eu não vim para condenar”, dizia o próprio Jesus (Jo 12,47). Nem foi uma reprovação, mas apenas um amor doce e ardente: “O Senhor é bom e misericordioso, lento a irar-se e grande no amor. (...) Como um pai é terno com os seus filhos, também o Senhor é terno” (Sl 103,8,13). E isto no preciso momento em que Pedro falhou nas suas relações com Jesus e se descobriu em flagrante delito de traição. É mesmo nesta situação que o olhar amoroso de Jesus o toca e o fere e, ao mesmo tempo, lhe oferece o seu perdão amoroso. Jesus não se limita a conceder-lhe perdão, mas chama Pedro para uma nova vida: a partir desse momento, de facto, Pedro torna-se outro homem, o seu eu interior vacila, o seu coração derrete-se, porque agora ele sabe o que é o amor, agora ele sabe o que é a santidade.

O autêntico missionário é santo

*O chamamento à missão deriva por sua natureza da vocação à santidade. **Todo o missionário só o é autenticamente, se se empenhar no caminho da santidade:** «a santidade deve-se considerar um pressuposto fundamental e uma condição totalmente insubstituível para se realizar a missão de salvação da Igreja». A universal vocação à santidade está estritamente ligada à universal vocação à missão: todo o fiel é chamado à santidade e à missão. A espiritualidade missionária da Igreja é um caminho orientado para a santidade. O renovado impulso para a missão ad gentes exige missionários santos. **Não basta explorar com maior perspicácia as bases teológicas e bíblicas da fé, nem renovar os métodos pastorais, nem ainda organizar e coordenar melhor as forças eclesiais: é preciso suscitar um novo «ardor de santidade» entre os missionários e em toda a comunidade cristã,** especialmente entre aqueles que são os colaboradores mais íntimos dos missionários. Pensemos, caros Irmãos e Irmãs, no ímpeto missionário das primitivas comunidades cristãs. Não obstante a escassez de meios de transporte e comunicação de então, o anúncio do Evangelho atingiu, em pouco tempo, os confins do mundo! ... Na base deste dinamismo missionário, estava a santidade dos primeiros cristãos e das primeiras comunidades. (R.M. 90)*

Diretrizes para a Vida Missionária

Propomos-vos meditar sobre “algumas características de santidade no mundo de hoje” tão bem delineadas pelo Papa Francisco na sua Exortação Apostólica “Sobre a chamada à Santidade no Mundo Atual”, Gaudete et Exsultate.

- A primeira característica da santidade tem os traços de resistência às contrariedades e às vicissitudes da vida. (n.112)
- A segunda é a alegria e o sentido de humor. A santidade não tem nada a ver com “um espírito inibido, triste, azedo, melancólico, ou um baixo perfil sem energia” (n.122). “A falta de humor não é um sinal de santidade” (n. 126).
- A terceira é a *parrésia*, ou seja, a ousadia, o entusiasmo e fervor apostólico (n. 129). A santidade nunca para numa “praia confortável” (n. 130). Não se deixa paralisar pelo medo e pelos cálculos (n. 133).
- A quarta é a caminhada comunitária, porque é muito difícil combater o mal se se estiver isolado (n. 140). Por vezes a Igreja “canonizou comunidades inteiras que viveram o Evangelho heroicamente ou que ofereceram a Deus a vida de todos os seus membros”, preparando-se mesmo juntas para o martírio, como no caso dos Beatos Trapistas de Tibhirine na Argélia (n. 141).
- A quinta é a oração constante e a leitura orante da Palavra de Deus. “A santidade é constituída pela abertura habitual à transcendência, que se exprime em oração e adoração. O santo é uma pessoa com espírito orante, que precisa de comunicar com Deus... Não acredito na santidade sem oração” (n. 147).

Perguntas para a reflexão pessoal e partilha em comunidade

- Obstáculos à santidade: mediocridade espiritual, distração do centro, ativismo, individualismo... em que medida estão presentes na tua vida?

- O que significa para ti a afirmação “primeiro santos, depois missionários”? Como tentas vivê-la?
- Que atitudes adotar a fim de viver a santidade na missão *ad gentes*?

Oração

Eu creio, Senhor, mas fazei que eu acredite mais firmemente.
Espero, Senhor, mas fazei que eu espere com mais confiança.
Eu Vos amo, Senhor, mas fazei que Vos ame com mais ardente afeto.
Arrependo-me dos meus pecados;
mas ajudai-me para que o faça com perfeita contrição.
Dirigi-me com a vossa sabedoria,
consolai-me com a vossa bondade,
protegei-me com o vosso poder.

Sejam vossos os meus pensamentos, vossas as minhas palavras;
sejam as minhas ações segundo a vossa lei,
vossos todo os meus sofrimentos.
Iluminai o meu intelecto, inflamai a minha vontade,
purificai o meu corpo, santificai a minha alma.
Tornai-me prudente nos conselhos, corajoso nos perigos,
paciente nas adversidades, humilde na prosperidade,
assíduo na oração, sóbrio na comida,
diligente no trabalho e constante nos propósitos.

Fazei-me compreender, ó bom Deus,
quão pequeno é o que é terreno, e quão grande o que é divino;
quão fútil é o que é temporário, e quão estável o que é eterno.
Que eu me prepare para a morte,
tema o juízo, evite o inferno, alcance o paraíso.

(Papa Clemente XI)